INVESTIMENTO EM PERSPECTIVA E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Ainda que a crise internacional se alongue, o volume de projetos sustentará uma expansão bastante robusta por meio da construção civil

Marcelo Machado Nascimento*

A RECENTE divulgação dos dados definitivos das contas nacionais de 2009 pelo IBGE revelou um resultado impressionante para a parcela dos investimentos representados pela construção civil. A despeito da queda de 0,3% do PIB setorial e do recuo dos investimentos de 6,4%, a construção civil (investimento) apresentou avanço nominal de 17,6%. Corrigido pelo INCC, equivaleria a uma expansão, em termos reais, de 9,9%. Resultado superior ao dos dois anos anteriores.

Os dados relativos à expansão da construção civil indicam a robustez do crescimento no setor. Entre 2006 e 2009, os investimentos em construção civil totalizaram R$ 928,9 bilhões, a preços de 2010. Representaram mais de 39,3% da formação bruta de capital fixo do país. Os bons números do setor no passado recente parecem ter se mantido em 2010 e 2011, com indicadores ainda não definitivos apontando para importante expansão. O sucesso do passado gera dúvidas quanto ao futuro. Tendo em vista diversos fatores que condicionarão os investimentos na construção, como essa parcela dos investimentos se comportará nos próximos anos?

Apesar das incertezas originárias no cenário externo, o ritmo dos investimentos no Brasil, ainda que tenham apresentado considerável desaceleração recente, apontam para crescimento superior ao do PIB nos próximos anos. Alguns fatores permanecem presentes como plataforma para que esse investimento ocorra. O desenvolvimento dos poços do pré-sal, os eventos esportivos de 2014 e 2016, a continuidade do processo de melhoria na distribuição de renda e os programas públicos, nas três esferas de governo, que têm como objetivo a recuperação dos investimentos em infraestrutura.

Quadro 1
Investimentos mapeados 2011-2014

Setores	Valores (R$ bilhões de 2010) 2006-2009	2011-2014	Crescimento %	% a.a.
Petróleo e Gás	211,0	388,9	84,3	13,0
Extrativa Mineral	61,6	64,3	4,3	0,9
Siderurgia	28,8	33,7	16,8	3,2
Química	23,0	41,1	78,3	12,3
Veículos	25,8	33,9	31,4	5,6
Eletroeletrônica	20,3	30,1	48,0	8,2
Papel e Celulose	18,7	28,4	51,6	8,7
Indústria	389,3	620,3	59,3	9,8
Energia Elétrica	106,9	143,3	34,0	6,0
Telecomunicações	64,2	73,7	14,9	2,8
Saneamento	26,8	42,0	56,9	9,4
Ferrovias	20,6	62,2	202,1	24,7
Transp. Rodoviário	30,4	52,1	71,4	11,4
Infraestrutura	248,9	373,4	50,0	8,5
Edificações	363,6	625,2	72,0	11,5
Total	**1.001,8**	**1.618,9**	**61,6**	**10,1**

Fonte: BNDES

Um levantamento realizado pela Área de Pesquisa Econômica do BNDES em 2010 indicava que os investimentos cresceriam aproximadamente 10% ao ano no quadriênio 2010-2014. Nesse levantamento, destacava-se o fato de que os investimentos em edificações, que contemplam projeções para o *mercado formal* da construção de residências, empreendimentos corporativos e demais estruturas não associadas a projetos industriais ou de infraestrutura (como as arenas para a Copa do Mundo), cresceriam acima da média, a taxa de 11,5% ao ano.

O **Quadro 1** apresenta o resultado do levantamento em pauta, com abertura setorial. Podemos verificar que os investimentos na indústria avançarão a taxa de

9,8% e os investimentos em infraestrutura a 8,5%, ao ano. Esses investimentos contemplam setores com participação relevante nos investimentos totais da economia, como petróleo e gás e outros que possuem uma menor representatividade, mas apresentarão taxa de crescimento substancialmente elevada.

Esse volume de investimentos, quando realizado, terá profundas implicações sobre a demanda por serviços de construção civil. Além dos investimentos em edificações que são, em quase totalidade, investimentos relacionados à construção (há serviços indiretos e equipamentos que estariam incorporados na parcela restante), os investimentos em estruturas também serão necessários para que projetos industriais e projetos de infraestrutura se configurem.

Quadro 2
FBCF - Construção civil - projeções

Investimentos mapeados	Valores (R$ bilhões de 2010)		Crescimento	
	2006-2009	2011-2014	%	%a.a.
Indústria	36,6	58,3	59,3%	
Infraestrutura	79,1	118,7	50,0%	
Edificações	270,5	465,2	72,0%	
Total dos investimentos mapeados	386,2	642,2	66,3%	
Cenário 1				
Investimentos não mapeados*	542,7	902,3	66,3%	
Investimento total	928,9	1.544,4	66,3%	11,1%
Cenário 2				
Investimentos não mapeados**	542,7	722,5	33,1%	
Investimento total	**928,9**	**1.364,6**	**46,9%**	**6,4%**

* Crescimento não mapeados = mapeados | ** Crescimento não mapeados = metade da taxa de expansão dos mapeados
Fonte: BNDES

Impacto dos investimentos

Os investimentos previstos para os diversos setores contarão com diferentes participações de máquinas e equipamentos, estruturas e outros fatores. As informações originais dos investimentos em perspectiva não contemplam essa decomposição dos investimentos. Além disso, os dados disponíveis da composição do investimento, divulgados pelo IBGE, contemplam a abertura da Formação Bruta de Capital Fixo agregada, sem o desdobramento setorial. Esses fatores implicam uma dificuldade para estimar, a partir de dados oficiais, a parcela da construção nos investimentos planejados.

Entretanto um trabalho desenvolvido por um consórcio de universidades, com o apoio do BNDES, estimou a decomposição do investimento setorial para o ano de 2005. Esses dados estão disponíveis na chamada Matriz de Absorção de Investimentos, acessível a partir do portal do banco. A aplicação dos parâmetros disponíveis em tal matriz torna possível estimar o conteúdo de construção civil dos investimentos em perspectiva.

O resultado desse exercício é apresentado no **Quadro 2**. Os investimentos na indústria contemplam, com a distribuição estimada, aproximadamente 10% de conteúdo em construção civil. Na infraestrutura, esse percentual se eleva para 31,8% e, no caso de edificações, atinge 74,4%. A aplicação desses percentuais pelos respectivos valores previstos para o investimento implicaria um volume de gastos em construção civil de R$ 642,2 bilhões (a preços de 2010) para o período 2011-2014, considerando somente os investimentos mapeados. Esse valor representa um crescimento de 66,3% em relação ao valor realizado no quadriênio 2006-2009.

Se aplicássemos o percentual de crescimento dos gastos em construção nos projetos mapeados sobre os valores de construção da formação bruta no mesmo quadriênio de referência, poderíamos esperar gastos da ordem de R$ 1,55 trilhão, a preços de 2010, para o período 2011-2014. Esse valor contemplaria, além dos investimentos formais em edificações, investimentos em estruturas industriais, infraestrutura e a parcela não formal da construção residencial, não contemplada no mapeamento.

Considerando que, nos últimos anos, a melhoria da renda das famílias mais pobres teve impacto substancial sobre o investimento residencial e que os efeitos desse processo tendem a ser menos intenso no futuro, o número pode ser considerado uma estimativa otimista. Caso consideremos o valor como está, deveríamos esperar um crescimento ao ano equivalente a 11% ao ano para a construção civil, no quadriênio 2011-2014. Considerando um caso extremo, no qual a construção civil não mapeada crescesse a metade da taxa prevista, o crescimento anual ficaria reduzido a 6,4% ao ano. Um pouco abaixo da taxa média de expansão anual no período 2006-2009: 7,1% ao ano.

De qualquer forma, independente de variações relacionadas à imprecisão da estimativa (pelo fato de utilizar parâmetros de 2005 ou por não ser possível mapear 100% dos investimentos), fica claro que os investimentos em curso ou planejados terão impacto substancial sobre a demanda da indústria da construção.

Como foi dito no início do texto, muitos dos fatores que serviriam de plataforma para esses investimentos indicam que sua sustentação é bastante provável. A despeito de a crise internacional poder se deslocar no tempo, por alguns meses ou por um ou dois anos, uma parcela desses investimentos (ainda que uma parcela substancial é inadiável), o volume de projetos sustentará uma expansão bastante robusta pela construção civil. Esse fato impõe um conjunto de desafios para o setor que vão desde a industrialização da produção à qualificação de trabalhadores e à organização do financiamento.

* **Marcelo Machado Nascimento** é chefe do Departamento de Acompanhamento Econômico do BNDES.